

## A CAIXA

Tatiana de Freitas Massuno<sup>1</sup>

A caixa. Abria-a cuidadosamente como se fosse o conteúdo tão frágil a ponto de quebrar a qualquer vacilar de dedos. Branco vestido, delicado e simples como deveria ser. A caixa. Desembrulhar e surpresas de menina ainda. Olhos atentos de Vinícius a encará-la, apreensão de ter feito, pelo menos uma vez, a escolha certa. Risos, gratidão, beijos e abraços. Presente no fundo do armário, fotos amareladas, fósseis do tempo. A caixa. Olhos atentos a Rodrigo. Primeiro ano juntos. Ano euamovocê não queromaissabernaoperdoouvouembora. Rodrigo, olhos de adeus, olhos desprendidos, inquietos, curiosos e mudos. Olhos negros, quase sem reflexos. Mas o sorriso...aquele sorriso familiar, não se sabe de onde ou quando, mas familiar, reconhecido em esquinas talvez? Reconhecido, acolhedor, magnético. A caixa. Explosão de cores e sons. Feliz Ano Novo! Sobreposição de lábios. Olhos semicerrados. Uma semiluz a brotar dos olhos verde-musgo de Rafael. A caixa. Toca o vestido sentindo o leve tecido percorrer, escorrendo entre seus dedos numa dança antecipatória. O vestido dança, então, sobre seu corpo, e a cada passo firme e resoluto, antecipa-se a ela como se a espera fosse nada mais que insuportável. Seu destino precisava se concretizar agora, sem delongas, sem esperas. A dança lançando-a ao destino.

“Você aceita o Vinícius-Rodrigo-Rafael-Cristiano-Wagner-Adriano-Gabriel-Marcelo-Pedro-Leonardo-Carlos como seu marido?”

“Sim, aceito a todos”.

## DIA NOVO

Ritualisticamente acordar. Muito a fazer. A poeira que ao longo da noite se acumulava só para no dia seguinte ser novamente dissipada por gestos cambaleantes. Mãos que perdiam a vontade de gestos firmes e mostravam-se autônomas – por espasmos clamavam pela redenção dos anos de serviço. Lá fora, somente os galos reverenciavam o novo dia que teimava em não

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada (UERJ).

se mostrar de fato. Demorava-se, tomava fôlego, respirava profundamente antes de poder decretar esse novo renascimento. Mais um. Ao longo dos anos. Aos poucos, observava, de sua cama, a negritude perder profundidade e se esmaecer. Aos poucos, ritualisticamente. Quando, finalmente, no horizonte um ponto de vermelhidão no escuro se revelava, um ponto sequer já era...seu chamado – fazer o café. Sempre muito. Era como se a chaleira não conhecesse medida outra, somente aquela de anos passados, aquela de quando o cheiro do café acordava a casa que vibrava de cores e cheiros e passos sonolentos. O café findo, novamente, a calma de seus afazeres. O café não mais se findou ou acordou – calma incessante apenas.

Trocar roupas de cama. Sempre à espera de. Os lençóis exalavam o cheiro do amaciante ainda tão recente e como crianças mal criadas apegavam-se fortemente às camas, por preguiça talvez, por ser cedo talvez, ou só para tornar sua tarefa diária mais cansativa. Mal os quartos se aprumavam já era hora de. Sempre era, afinal.

E a casa toda recendia o café. As janelas abertas... a brisa, porém, não carreava. O vento desviava-se. O café entranhava-se à casa como se somente o odor constante e intermitente pudesse de alguma forma acordar a casa tão adormecida. Sono profundo, mergulho nas recordações. De talvez décadas a fio.

E a casa era toda odores. Comida sendo feita, amaciante, amargo desperdício de. Os cheiros que contavam o passar dos minutos, horas, dias. Café e almoço e jantar e já era hora de. Era hora novamente.

Lá fora, não mais a escuridão da madrugada. Somente um céu sem nuvens, límpido, azul sem marcas, uniforme, de doer os olhos. Perdera seu chamado. Ainda puxou as cobertas e deixou-se sem café. Sem passos, sem cheiros, sem.